

# A SEMANA

## CORTE:

Trimestre..... 28000  
Semestre..... 48000  
Anno..... 88000

## Publica-se aos Sabbados

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

## PROVINCIAS:

Semestre..... 48000  
Anno..... 88000

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrazado 200 rs.

## SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Questão litteraria — A cabeça do « engraxate; » (conclusão) *Valentim Magalhães* — A vida, soneto; *Fernando Caldeira* — Bólos; *Chico Ferrula* — Um falso *Ignolus* — Pedro Americo — Arthur Barreiros (continuação); *Gaspar da Silva* — Politica moderna; *Luiz Murat* — Poesia e Poetas; *D. Ruy* — A tapera, poesia; *Lucio de Mendonça* — Credo da Republica Franceza — *Illuminaras*; *Julia Lopes* — Theatros — Tratos á bola; *D. Pastel* — Recebemos — Correio — Anuncios.

## EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1° trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e a quem remettemos este, se o não devolverem á redacção, serão considerados assignantes do 2° trimestre.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á colleção desde o n. 1, e a um exemplar do romance **MATTOS, MALTA OU MATTA.**

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 11 de Abril de 1885.

Deu-se no ultimo sabbado a morte do visconde de Souza Carvalho, proprietario e redactor politico do *Diario do Brazil*.

Não cabe nas tres columnas d'esta secção, o elogio historico d'este notavel vulto politico, que acaba de cair em meio da refrega, não ferido pelas armas dos adversarios, mas tombando ao peso das proprias, e succumbindo n'um derradeiro e heroico esforço de lucta, quando apparelhava a armadura para continuar o combate, combate inglorio e sem treguas, travado n'um plano inclinado cujo logar inferior elle occupava, quasi só, aparando os golpes formidaveis e ao mesmo tempo sustentando nos hombros athleticos o peso dos inimigos.

A imprensa toda já se pronunciou, unanime sobre o julgamento do seu merito, embora adversa ás idéas susten-

tadas em vida pela poderosa individualidade do morto.

O mais brillante de todos os artigos — o d' *O Paiz*. — foi tambem o mais inoportuno. Se é ou não é contestavel a opinião emittida *post mortem* pelo Sr. Quintino Bocayuva, não nos cabe julgal-o aqui; todavia, embora nos pareça que elle quasi sempre foi justo, não relaxaremos o direito de dizer que foi máu o momento escolhido.

Sem duvida teve defeitos o polemista e o politico, como teria falta o homem privado; isto, porém, não nos parece assumpto proprio de necrologia, senão de estudo biographico.

Nós desprezaremos pois, toda a animadversão que nos inspiravam as idéas do finado, que julgamos atrezadas e falsas, para só manifestarmos o nosso pezar pelo desaparecimento de um luctador imperterrito, de uma intelligencia potente, de um espirito illustrado, que era incontestavelmente uma individualidade original e exquisita no meio das vulgaridades mesquinhas e charras da nossa imprensa politica.

\*  
\*\*

O Dr. Julio Ottoni, 1° promotor publico da Corte, acaba de exigir que o redactor e os reporters da *Folha Nova* deponham em juizo o que sahem do caso da menor Emilia, visto que em 14 numeros trataram, em artigos sob o titulo — *Desastre ou crime*, do facto da rua dos Voluntarios da Patria.

Como principio geral, chamar jornalistas a depor, seria odioso, tolleria a liberdade de imprensa e obrigar-a-hia a não publicar noticias de muitos attentados ou crimes, noticias que muitas vezes auxiliam a propria justiça ou chamam a sua attenção para muitos delictos que sem ellas ficariam ignorados; mas o caso da *Folha Nova* é especial, pois que ella fez accusações e publicou depoimentos falsos, forçando assim o procedimento do promotor.

Oxalá que a verdade se faça e que a lição aproveite aos culpados de levandade ou de pouco decente exploração da emmoção publica.

\*  
\*\*

Foi nomeado amanuense da secretaria da agricultura o Sr. Raymundo Teixeira Mendes, o bem conhecido Mahomet do positivismo brasileiro, de que é Allah o Sr. Miguel Lemos, que, dias antes, havia sido nomeado para um logar da bibliotheca nacional. Ora ali está no que deu toda essa farfalla scientifica do *Centro Positivista*: — no *amanuensismo* das secretarias.

Fóra curioso fazer o historico d'esse engraçado gremio de fanaticos de Augusto Comte; mas não temos tempo para isso. E mesmo, a falar com franqueza: — não vale a pena. Basta lembrar que a principio o Sr. Lemos sómente

queria viver do subsidio dos feis e não consentia que nenhum dos membros da egrejinha da travessa do Ouvidor — nossa visinha, portanto, — tratasse de ganhar honradamente a sua vida em algum emprego *heterodoxo*. D'ahi uma vadiagem e consequentemente uma pobreza de trezentos mil franciscanos! Assim foi que não poudo o Dr. Teixeira de Souza fazer o seu concurso a uma cadeira na escola de medicina, vendo-se forçado pelo papa-Lemos a desistir d'elle. Foi esse facto que deu começo á *degringolade* positivista. O Dr. Teixeira foi vencido, mas não convencido. Tanto, que appellou da decisão do papa brasileiro para o Sr. Pedro Laffitte, chefe do positivismo universal.

Laffitte desapprovou o acto de Lemos. Lemos, melindrado nas suas susceptibilidades de infallivel, abespinnou-se com o quináu e vingou-se arrasando Laffitte com tremenda descompostura em que o menos quelhe chamava era insufficiente. Este disparate insurreccional e peccaminoso do papinha contra o Papão desgostou os feis, a ponto de plantar no seio da egrejinha as perigosas revoltas do schisma. A desunião traz a fraqueza. Dentro em pouco via-se o Papinha sem as papinhas do subsidio; e cada qual foi tratando de arranjar a sua vida como poudo, sem mais *aquellas*. Hoje é o que se está vendo: — o Sr. Lemos deixou o officio de alfaiate platonico em que se delectava e emmagrecia scientificamente e foi tratando de arranjar na meza do orçamento um talherzinho rasoavel.

A' vista do exemplo do seu chefe, o Sr. Teixeira Mendes abandonou por seu turno o torno e requereu tambem um talher para si.

Eil-os amanuenses; dentro em pouco não restará mais ninguem para acender na egrejinha abandonada a vela benta da orthodoxia miguelemista, como diz o Urbano Duarte.

Pobre egreja! pobres feis!  
Felizes amanuenses!

## QUESTÃO LITTERARIA

## Qual o maior poeta do Brazil?

Propomos hoje esta interessantissima questão aos nossos leitores. O nosso desejo é despertar a attenção publica e especialmente a dos competentes, em favor do estudo dos nossos poetas e, por uma sorte de suffragio nacional, apontar o mais illustre d'elles, aureolando o seu nome com o titulo de primeiro poeta brasileiro. Esta questão não foi ainda agitada, e do seu estudo largo proveito póde advir á litteratura patria. Chamamos para ella a attenção de todos os dignos representantes das nossas letras, e em geral a de todos quantos se interessam por ellas.

Não dirigimos convite especial para

este debate a ninguém, para evitar ferir susceptibilidades com o possível esquecimento de alguns nomes, e a provável omissão de muitos. A questão é geral.

Para mais generalisá-la, emtanto, rogamos a todos os nossos collegas da imprensa o obsequio de dar noticia d'esta questão litteraria, por nós proposta, transcrevendo as condições em que o fazemos e por que deve ser respondida.

São as seguintes:

Entram no concurso d'esta questão todos os poetas brasileiros, mortos e vivos, antigos e modernos. A nossa pergunta—*Qual o maior poeta do Brasil?*—resume a seguinte:—Qual de todos os poetas brasileiros o mais inspirado, mais fecundo e mais original?

Em todo poeta verdadeiramente grande concorrem estas qualidades:—inspiração potente e complexa, facilidade copiosa em traduzir em verso numeroso e fluente todas as suas impressões, e originalidade, imprevisão, um quê de novidade, na idéa ou na fórma, em todas as produções, e que representa o cunho particular da poderosa personalidade do poeta. Sem isso não ha grandes poetas. Aquelle que, dos nossos, fôr considerado o primeiro, deve reunir esses predicados em grau mais alto do que outro qualquer.

Nenhum nome indicamos, não fazemos nenhuma referencia.

Estude cada qual a questão e responda como houver entendido.

As respostas podem ser simples, apontando apenas o nome do poeta eleito pelo respondente; ou fundamentadas, expondo as razões em que se houver baseado a resposta.

umas e outras serão methodicamente registradas e numeradas nesta redacção, que, das ultimas publicará as que lhe parecerem dignas de publicidade. Em todos os subsequentes numeros d'*A Semana* serão publicados, progressivamente, os nomes que das respostas recebidas formos apurando. Para a terminação do pleito marcamos o prazo de tres mezes. O resultado final deve ser publicado em o nosso numero 28, a 11 de julho, dia em que se completam exactamente tres mezes da data de hoje.

E no numero 29, daremos um retrato caprichosamente feito, do poeta que houver triumphado neste glorioso certamen.

Todas as respostas a esta questão devem ser unicamente remetidas ao director d'*A Semana*, com a indicação na sobrecapa: *Questão litteraria*.

Outrosim rogamos aos Srs. respondentes não usarem de pseudonymos; sem que estes sejam, entretanto, recusados.

## A CABEÇA DO « ENGRAIXATE » (\*)

### II

E eis aqui o que o Duarte me contou:

— Eu sou, como bem sabes, começou elle, um homem methodico, methodisado, methodisante... O methodo em carne e osso Posso exprimir em uma só phrase o meu systema de vida completo, moral social, intellectual e particular :

« Trago tudo arrumadinho. »

Olha, a minha convicção é que a consciencia é um armario. Deves saber que é infinita a capacidade dos armarios. Na consciencia, portanto, cabe tudo desde que se saiba arrumar nella as cousas.

Questão de methodo.

(\*) Continuado do n. 13.

A gaveta de sapateiro representa a anarchia do seculo. Eu detesto as gavetas de sapateiro.

O cerebro humano nada mais é do que uma caserna-arsenal. E' mister que as idéas estejam continuamente armadas em guerra, aparelhadas e agudas, léstas e attentas ao primeiro signal.

Dado este, quer se trate de uma excursão hygienica ou de um exercicio disciplinar, quer de um combate em regra, é mister que os soldados saiam sem demora de suas cellulas, abandonando as circumvoluções respectivas e marchem contra o inimigo, se inimigo houver.

Pensamento capenga não fórma.

Arrumemos os nossos trastes na sala, os nossos papeis na gaveta e, na cabeça, as nossas idéas, proprias ou alheias; é indifferente. E' o que eu faço ha muitos annos e com immenso proveito. Deves ter comprehendido de todo este introito que eu fazia engraxear-me as botas todos os dias á mesma hora o mesmissimo « engraxate. »

Quando, por acaso,—mas isso acontecia raramente—eu, á hora do costume, não encontrava em frente á respectiva e immunda caixa, o meu homem, mas um substituto, porque elle houvesse ido á fava, quer dizer ao almoço, ou por outro motivo, eu esperava-o pacientemente alguns minutos, se não tinha pressa; no caso contrario, ia me embora, com as botas por lustrar. Menos brilho nas botas, é certo; mas em compensação mais vintens na algibeira.

Ainda hei de escrever um tratado sobre a influencia sociologica e a importancia moral da graxa de lustre nas sociedades modernas. Demonstrarei que á proporção que se lustram as botas deslustram-se as caras; que a vergonha, que é o verniz destas, tem diminuido á medida que augmenta o verniz, que é a vergonha daquellas; e, finalmente, que os homens brilham pelos pés, não pelos feitos. Poderia demonstrar-te agora mesmo rapidamente, que o homem, á medida que vai descalçando o sapato da religião, que ha tantos seculos o incomoda, tem adquirido a religião dos sapatos.

Mas estou conhecendo na expressão da tua cara que não é philosophar o que desejas, mas, unicamente, saber como diabo foi que encontrei um dia a cabeça do meu engraxate separada do seu honrado proprietario.

Abandono, portanto, o assumpto do meu tratado e passo a tratar exclusivamente do meu assumpto.

Havia dois... não! mais de dois... havia tres annos que o Paschoalle era meu freguez. Entre as minhas botinas e as suas escovas havia-se estabelecido um pacto mysterioso e estreito, mais intimo e mais solemne do que aquelle que se diz haver sido feito entre o Sr. conselheiro Dantas e a Corôa na questão do elemento cervil.

O Paschoalle não era um homem ex-

cepcional, talvez; mas era notavel na sua arte.

Dá-se com os engraxates o inverso do que se dá com os dias: « succedem-se mas parecem-se. »

O Paschoalle era sórdido, mas sympathico; immundo, mas estimavel. E' um erro acreditar-se que sob uma camisa suja não possa palpitar um coração limpo. Reconheci-o estudando aquelle homem.

E observando-o pacientemente, com olho de artista, como aquelle pintor do *Filho de Coralía*, cheguei a descobrir que aquelle homem era tambem um escravo do methodo, como eu. Mais um motivo para estimá-lo.

Paschoalle esquecia-se regularmente, todos os dias, do almoço, e sempre que era possivel resistir ás impertinencias do estomago, não se lembrava de jantar. Em tres annos vi-o comer duas vezes: da primeira uma banana, da segunda uma codea de pão. Em compensação,—bem dita lei das compensações!—comia as unhas e fumava.

Alimentava-se com isso e com a febre da ambição.

Era livido e hirsuto. Uma cabeça excellente para modelo de pintor; daria, á vontade do artista, mas igualmente bem,—uma cabeça de salteador ou de asceta.

Para que desse aquella seria sufficiente asperizar-lhe um pouco a expressão dos olhos, accentuando nelles o fulgor da cobiça na sombra da traição; para o asceta não fôra preciso mais do que esparramar-lhe pelas feições, endurecidas no trabalho e na miseria, as tintas macias da sapiencia profunda e da bondade mystica.

Com a pallidez e as grenhas parecia talhado para bandido calabrez; mas depois de barbeado e tosado em regra, desenfulehada a cara e vestida uma sotaina decente, teria sido um respeitavel padre aquelle pobre diabo.

Mas não passava de engraxador de botas—o misero!

O que é certo, entretanto, é que era perito no manejo das suas armas.

Ajoelhado nas pedras da rua e dobrado o torso sobre a caixa, todo entregue aos pés do freguez, suas mãos moviam as escovas com tal jeito e presteza, que dentro em cinco minutos as botas do homem estavam espelhentas e luzidias como o carro de Phebo.

Por isso é que eu o procurava sempre e por isso foi que senti grandemente sua ausencia.

Um dia não o vi no seu posto, nem caixa. Perguntei por elle a um visinho collega; respondeu-me qualquer cousa numa algaravia rouquenha e cantada, de que não pesquei patavina.

Mandei-o para o inferno e fiquei com as botas por engraxar.

No dia seguinte ainda nada do Paschoalle. Não tive animo, comtudo, de entregar as minhas botas a outras mãos.

— Esperemos; dizia-lhes eu. E ellas

de feito esperavam, empallidecendo, alquebrando-se pouco a pouco.

Por fim como não reaparecesse o meu homem,—nada conseguira saber do destino que o levára,—e as minhas botas fossem ficando positivamente indecorosas, resolvi entregal-as a qualquer engraxate. Desde que me faltava o Paschoalle, era-me indiferente escolher este ou aquelle. Passaram-se dias; esqueci-me, um pouco a principio e depois inteiramente, do emerito lustrador.

Um bello dia, a convite de um amigo e a conselhos da curiosidade, que é extraordinaria em mim, fui á escola de medicina. A impressão que me causou o amphitheatro anatomico é inenarravel.

Tive nauseas, deante do miserabundo estado d'aquelles corpos, que foram humanos e que agora, inertes e desmembrados, desentranhavam-se complacientemente, com hediondo impudor, sob o escarpello frio dos estudantes; e espantei-me da completa indiferença distrahlida com que estes, de camisa arregangada e cigarro ao canto da bocca, iam cortando, furando e retalhando aquillo.

Pareciam honrados alfaiates talhando em flexivel fazenda, com pericia e calma, um par de calças ou um fraque.

Junto a uma das mesas de marmore, em que jazia inteiricado o cadaver de um velho, convenientemente injectado para a lição do dia, conversavam um professor e um collega.

Emquanto aquelle começava a preparar a *peça*, tranquillamente, manejando a tesoura e a lanceta, o outro occupava-se distralidamente, como se estivesse a brincar com os berloques da sua cadeia, a puchar, fio por fio, os cabellos brancos do defuncto, obrigando-lhe a cabeça a agitar-se, produzindo um sinistro gesticular affirmativo, que me gelava de horror.

Voltei o rosto; mas no memo instante soltei um grito de espanto.

Era monstruoso o que eu acabava de ver! Foi tal o choque produzido em mim por aquelle subito espectáculo, que me cahiu das mãos o chapéu.

O que eu vi foi isto:—Em cima de uma outra mesa de marmore, ensanguentada, immunda, que parecia haver servido para uma disseccção recente, estava collocada, firme sobre o corte horisontal do pescoço... a cabeça do meu « engraxate!... »

Sim, era a cabeça do desgraçado Paschoalle! Mais livida, mais magra e mais hirsuta do que nunca, tinha nos beiços roxos e duros um tragico sorriso de ironia pungente: os olhos enormemente abertos,—naturalmente porque algum estudante, por gaiatada, lhe havia cortado as palpebras mortas. — fixos, vidraccos, perseguidores...

E ao contemplar aquella cabeça conhecida, pallido, mudo e tremulo de doloroso espanto, pareceu-me que ella movia os olhos, fitando-me, e me estava

dizendo, com a sua boca ignobil, como outr'ora, no largo de S. Francisco de Paula, batendo com as escovas sobre o tempo da caiva:

— *Bon giorno, frequis. Engraxate, engraxate...*

E o Duarte, calando-se, fechou os olhos, como para não ver o quadro que acabava de descrever, e de um jacto bebeu o borgonha que lhe restava no copo, com um gesto rapido, nervoso, como se tentasse afogar em vinho aquella maldicta recordação.

Abril, 1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

## A VIDA

Abri meus olhos ao raiar da aurora  
E parti; veio o sol, e então segui-a,  
A sombra, que eu julgava gniadora:  
A minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio dia,  
Esconden-se-me aos pés a sombra; agora,  
Se volto o olhar onde passei outr'ora,  
Vejo a seguir-me, a sombra, que eu seguia.

A gente é o sol de um dia; sóbe, avança,  
Passa o zenith e vai na immensidade  
Apagar-se no mar onde se lança.

E a vida é a propria sombra; meia idade,  
Somos nós que a seguimos e é—« esperança »,  
Depois segue-nos ella e é—« saudade ».

FERNANDO CALDEIRA.

## BOLOS

Se fossemos d'esta gente que se deita sobre os louros alcançados nas luctas, estavíamos a estas horas na paz resplandecente da gloria, dormiutes, calmos, tranquillios, aspirando o cheiro quente do ultimo cartucho estoirado.

Podíamos exclamar o—*Veni, vidz. vince*—de Cesar, pois que aos bafordos que rejeitamos aos adversarios, não contestaram elles de modo nenhum, dando-nos consequentemente a certeza de que os deixáramos atterrados.

Não vimos barulhar farfalharías nem fanfarronar lóas e cantos de victorias faceis, pois que a mesnada com que arremettemos, intanguida e apavorada, recolheu as armas, cerrou as escarcellas—e foi-se!

Bem sabemos,—pelo conhecimento que temos dos collegas de imprensa—que se algum lhes perguntar porque razão se deixaram reduzir ao silencio, elles responderão que não foi por fraqueza nem por temor, mas pelo desprezo que lhes merecemos por estarmos acantoados em uma folha pequena, sem importancia social apparente. Ah! nós bem sabemos que é o desprezo a palavra de que se soccorrem os covardes e os medrosos, quando não podem entestar eom os adversarios. Não cabe aqui o fragil recurso, que nestas columnas sempre foi directo ao ataque, e se os golpes foram por vezes agudos, tambem sempre o gladio foi brandido com lealdade e gentileza.

E' que os argumentos adduzidos quer no ataque, quer na defeza, tinham invariavelmente a força inquebrantavel da logica e da razão, da verdade e da justiça.

Mas, acocorem-se embora nas covoadas desdenhosas do silencio; emparedem-se no cubélo de columnas acastelladas, onde Romão José de Lima dirige os batalhões mascarados e proteje com

a sua propria nullidade os castellãos irresponsaveis; escondam-se e calem-se sob a apparencia de tranquillidade despresadora, nós lá iremos desentoval-os e assedial-os, flanquendo-os com o nosso pampilho enrijado pela razão, e ferindo-os com o riso heroico de que tanto se temem os arlequins que envergam a casaca da circumspecção pesada e sorna por se não poderem apparelliar com arma de igual jaz.

Bem que lhes conhecemos nós os arremedilhos jogados ás escancaras na intimidade, e disfarçados em actos de melodrama quando se faz necessario vir a publico.

\*  
\*  
\*

Tivemos primeiramente uma folha diaria que nos recebeu pela rectaguarda, como os garranos elucros ao sentirem no flanco a palmada carinhosa do criador. Este abandonou por instantes o retraco que esmoia e nitrio, afflante de sandiees e parvoçadas, contra quem lhe aconselhava um pouco de syntaxe para a modulação correcta dos nitridos, e tentava accomodal-o na baía do senso commum.

Veio depois o velho e abjecto escaravELHO dos apedidos, que se entoca em buraco escuso do *Pachiderme*, atirar-nos as maçans resultantes da ingestão e deglutição do bixo e que elle pacientemente embola e come.

Appareceu em seguida o bravo e aguerrido escudeiro de D. Quixote, armado com a cotta e o elmo do amo, com ares de fnura e longes de ironia satanica arremettendo de phrase em riste contra *A Semana*, trazendo para a justa o pretexto de que a inimiga tinha treze leitores e servindo-se do mesmo pretexto para abalar, quando sentio quebrar-se-lhe a ponta da arma de encontro ao pavez bem temperado que lh'a aparava, e vio que das feridas abertas lhe jorrava o sangue negro da maledicencia, da deslealdade e da velhiacaria.

Coube-nos tambem a vez do ataque. Bertholdinho fizera-se folhetinista theatral, e a sua ingenuidade e simplicza, tomára visos de insolencia e de impudencia quando a fatalidade da ignorancia lhe fizera escrever nas cacographias semanaes o titulo de duas bellas obras litterarias. Então não podémos conter-nos e fizemos-lhe a barrella ao pello, demonstrando-lhe de modo cabal e definitivo que elle não sabia o que dizia, e entalando-o entre os bicos de um dilemma compromettedor mas justo.

E' esta, em traços rapidos, a historia d'esta secção, que se poderia com verdade jaetanciar de haver reduzido ao silencio trez contendores tagarellas e um imbecil; mas que o não faz porque sente não poder terminar ainda a missão que se impoz e na qual proseguirá com o mesmo desassombro e galhardia.

CHICO FÉRULA.

## UM FALSO «IGNOTUS»

Devemos, como os nossos mais importantes collegas, declarar que não ha nada de commum entre o individuo que sob o pseudonymo *Ignotus*, está publicando umas biographias parlamentares, e o illustre escriptor a quem se deve o festejado livro *Sessenta annos de jornalismo* e que honra as columnas desta folha com a sua preciosa collaboração, sob o mesmo pseudonymo de *Ignotus*.

Ha longo tempo que elle illustra esse pseudonymo, firmando com elle trabalhos de critica, litteraria ou politica, de alta valia.

E', portanto, merecedor de uma vigorosa *ensinadella* o individuo que furto aquelle conhecidissimo pró-nome, para

com elle assignar os seus trabalhos. Se houvesse aqui leis repressivas destes abusos e garantidoras da propriedade litteraria, seria elle responsabilisado pelo seu acto pouco digno. Um pseudonymo, quando usado exclusiva e longamente por um escriptor, de fórma a tornar-se tão conhecido que represente a propria individualidade litteraria desse escriptor, torna-se propriedade delle. E como tal deve ser respeitado.

É este o caso.

Além d'isso, o uso que faz o auctor dos *Sessenta annos de jornalismo* do pseudonymo *Ignotus* não tem por fim occultar o seu verdadeiro nome, disfarçar a sua responsabilidade e escapar-lhe. É apenas uma questão de mal entendida modestia; mais nada.

É exactamente o facto de saber-se geralmente o nome real do proprietario do pseudonymo é que faz censuravel e torna prejudicial o uso d'elle por segundo ou mais escriptores.

*Ignotus*, o distincto collaborador da *Semana*,—é Joaquim Serra; todos o sabem.

Quem é, entretanto, *Ignotus* o auctor da *Galeria Parlamentar*?

Fôra conveniente sabel-o.

É possível que não tenha havido má fé n'esse abuso, que profligamos, mas deve cessar, porque traz confusões, nas quaes o nosso illustre collega só tem a perder.

## PEDRO AMERICO

Acaba este notavel pintor—que é uma das maiores glorias da nossa patria desagradecida—de requerer e alcançar seis mezes de licença, sem vencimentos, do seu logar de lente de Esthetica e Archeologia na Academia das Bellas Artes e deve partir para a Europa muito brevemente.

A causa da sua proxima ausencia, que será infelizmente longa, é simplesmente esta:—não encontrar no seu paiz condições de vida sufficientes, que lhe proporcionem existencia condigna á sua posição e que lhe bastem para manter-se e á sua familia com a relativa abastança e o necessario conforto. Trabalhador denodado e indefesso, havendo trazido da Europa numerosos e bellissimos quadros, não conseguiu, entretanto, vender até hoje nenhum (*nenhum!*), nem mesmo á propria academia de que é um dos mais bellos ornamentos.

O distinctissimo artista, além de passar melhor de saúde na Europa, encontra lá o acolhimento e a importancia que lhe faltaram na sua patria, e além d'isso manutenção mais abundante e mais segura.

Eis as razões porque vac partir.

Do seu paiz leva apenas, além da magua intima de *não poder* viver n'elle, desejando-o ardentemente,—a grande dignitaria da Rosa.

Foi justa essa recompensa.

Mas o governo, antes de nomeal-o commendador da Rosa, devia ter-lhe comprado algumas telas, para habilitar o agraciado a poder pagar o enorme imposto da sua commenda e a adquirir a respectiva venera.

Não é de penduricalhos que vivem os artistas; convença-se disto o nosso governo, que de artes entende tanto como um boi de architectura.

A partida de Pedro Americo para o Estrangeiro, nestas condições, é uma vergonha immensa para a sua e nossa patria, vergonha que ella não percebe nem sente; honra lhe seja feita!

Vá o illustre pintor; e, chegado á Europa, naturalise-se cidadão de qualquer paiz.

Antes cochinchinez ou australiano do que brasileiro.

O Brazil é um paiz de botucudos de cartola e de bacalhoeiros em tamancos.

Possa o grande mestre da pintura moderna não envolver no esquecimento d'elles os nomes dos seus poucos mas sinceros admiradores.

Ignoramos ainda o dia da sua partida, mas aqui lhe deixamos já o nosso adeus sentidissimo com a demonstração dos mais elevados sentimentos de estima e de admiração.

## ARTHUR BARREIROS (\*)

(Continuação)

D'essa memoravel noite em diante ficamos intimos e raro era o dia em que não nos encontravamos.

O ponto era o café do Cruzeiro ou a porta do Deroche. Ahi passavamos horas esquecidas, em amena palestra, quando não iamos até uma livraria, onde Barreiros folheava todos os livros expostos em uma mesa, ao centro da loja.

Se por acaso se lhe deparava um livro de Alphonse Karr, embora o tivesse lido e relido, Barreiros tirava-o, sentava-se e lia de novo, com um prazer intenso, as paginas de que conservava mais viva lembrança.

Tinha uma adoração immensa, uma verdadeira idolatria pelo auctor das *Guêpes*.

Estavamos uma vez n'essa livraria; o Fontoura, passando, viu-nos, entrou, e convidou-me para ir jantiar com elles.

— Onde? perguntei, aterrado; no outro?

— Come-se admiravelmente! Não imaginas... A mesa é príncipesca, respondeu-me o Fontoura, fazendo umas visagens satanicas. Temos sempre bella caça... Aposto que ainda não comeste jacú, o faisão do Brazil? Pois vaes comer! Anda, vamos.

O Barreiros sorria enquanto o Fontoura procurava convencer-me de que os agnardava um banquete.

Fui. Em companhia de taes rapazes, a refeição mais modesta seria effectivamente um festim.

Serviram-nos em primeiro logar uma canja de pouco appetitos apparencia.

— Canja de jacú, disse-me o Fontoura. Esplendida! Come e verás.

A canja ainda eu consegui ingerir mas o jacú... foi-me impossivel metter-lhe o dente.

Vendo o esforço que eu fazia, o Barreiros ria e o Fontoura observava-me:

— É um pouco duro, mas é muito gostoso. Isto deve comer-se *faisandé*, mas o nosso cosinheiro é uma besta, prepara os jacús no mesmo dia em que chegam...

A canja seguiu-se... jacú assado.

Não sei se elles comeram; eu é que só á sobrezeza consegui comer mais alguma coisa.

Não me arrependi, porém, de ter accedido ao convite do Fontoura. Passei uma hora deliciosa, a despeito da impenetrabilidade do jacú.

Depois do jantar, sahimos e o Barreiros veio-me dizendo pelas escadas:

— Isto que você viu hoje é o que nos dão todos os dias. Não sei onde esta gente descobre tanto gallo velho!

Em uma das cartas de Barreiros que adiante publico, ha uma engraçada exclamação allusiva ao episodio do jacú.

Não podia prolongar-se esta vida que Barreiros levava. Cumpria-lhe tomar uma resolução... heroica: arrepiar a carreira.

E foi o que elle fez.

Um dia encontrei-o, sobraçando um livro.

— Que livro é esse?

(\*) Continuação do n. 13.

— Adivinhe, se é capaz.

— Algum classico?

— Qual classico! Um compendio de escripturação mercantil... Vou ser guarda-livros.

— Serio?

— Irrevogavelmente.

D'ahi a pouco tempo, o primoroso escriptor brasileiro Arthur Barreiros era admittido n'uma casa commercial como ajudante do escriptorio.

Não conheci Arthur Barreiros na profissão a que o forçaram as necessidades mais crueis; estou bem certo, porém, de que só um motivo grave e irremovível o levaria a faltar ao escriptorio e de que no desempenho das suas funções punha todo o escrúpulo de sua consciencia recta.

Poucos dias depois da sua honrada e firmissima resolução, voltei para a provincia, deixando-o a estudar aferradamente os processos da escripturação mercantil.

Era com um pesar immenso que eu via aquelle esplendido talento applicar-se a semelhantes estudos, mas nunca tentei demovel-o do seu proposito, porque quaesquer argumentos que eu empregasse fallar-me-hiam infallivelmente.

Barreiros seria utilissimo a qualquer jornal, mas se eu lhe dissesse:—Procure um lugar na imprensa, elle responder-me-hia, com um sorriso amargo a resumbrar desanimo:—Ah, meu caro tu não sabes o que é o jornalismo fluminense!... E contar-me-hia uma série de casos, que me dariam a conhecer o machinismo dos *grandes órgãos*, se eu não o conhecesse já...

Ferreira de Menezes soffreu profundos desgostos na imprensa, resolvendo, por fim, quando já poucos mezes lhe restavam de vida, montar jornal proprio para escrever livremente, sem as péas dos interesses e das conveniencias.

Arthur de Oliveira, um genio, desequilibrado é certo, mas um verdadeiro genio, não encontrou quem procurasse *explorar-o*, confiando-lhe uma secção obrigatoria, um folhetim em dias determinados; não houve nunca quem se lembrasse de tornar productivo um dos talentos mais extraordinarios que o Brazil tem possuido!

Ouviam-n'o, boquiabertos, quando elle soltava aquellas catadupas de eloquencia e de erudicção, e, mal elle voltava as costas, exclamavam com fingido pesar:

— E' pena que este rapaz seja um doido!

Sublime doido!

Arthur Azevedo daria um chronista de primeira ordem: possui para isso todos os requisitos. Pois ha quem pague a uns sujeitos para deslombarem semanalmente miseros leitores ou propinaculhos irresistiveis narcoticos e ninguem se lembra de convidar Arthur Azevedo a fazer chronicas e folhetins ou mesmo a crear uma secção diaria, que elle sustentaria brilhantemente, fallando-nos hoje de letras, amanhã de artes, contando-nos depois uma anecdotica ou episodio interessante, entrando mesmo, de vez em quando, pela politica, que offerece larga margem a um escriptor humoristico!...

Arthur Azevedo, que, como todos sabem, escreve com uma facilidade immensa e tem uma *verve* inextinguivel, nunca appareceu nos *grandes órgãos*: não passa de collaborador de folhas caricatas e de periodicos litterarios... que não podem pagar.

E', no Rio, a sorte da maioria dos bons talentos. Os felizes são... os outros.

Tudo, pois, seria baldado para dissuadir Arthur Barreiros: guarda-livros, não soffreria privações; escriptor, ver-se-hia na *dura* necessidade de deglutir o jacú, o formidando jacú, como elle diz



no seguinte trecho de uma das suas preciosas cartas:

« Eu nasci para esta coisa de ter mulher, um filho ou filha, casa, almoço e jantar a hora certa. Acabou-se o formidando *jacu* e decifrei o terrível enigma: saber em que cama hei de dormir. »

(Continúa)

GASPAR DA SILVA.

## POLITICA MODERNA

RESPOSTA AOS CRITICOS DAS CARTAS SERTANEJAS

I

Com a publicação de umas cartas no *Diário Mercantil*, folha dirigida pelo meu illustre amigo Gaspar da Silva, o Sr. Julio Ribeiro, attrahio sobre si os odios e antipathias do incoherente partido republicano de S. Paulo.

Inhabeis, longe de comprehendere qual a tendencia do espirito scientifico moderno, as leis que presidem o conjunto organico das sociedades, os republicanos paulistas, acularam contra o notavel philologo os seus despeitos e as suas coleras.

Este facto não me admira.

Aqui mesmo, entre homens de letras e homens de inquestionavel merito intellectual, muitas vezes ouvi criticas a respeito das opiniões apresentadas pelo Sr. Julio Ribeiro, que só serviram para proporcionar-me occasião de inferir do gráo de capacidade scientifica de cada um dos impugnadores destas mesmas idéas, cuja circulação augmenta de dia em dia consolidando as crenças e invadindo os arsenaes metaphysicos para d'ali arrancar os instrumentos uteis, abandonando aquelles que nenhum auxilio nos tem prestado no estabelecimento das leis que agem sobre o homem e o universo.

Inteiraente de accordo com o illustre philologo brasileiro, entendi do meu dever apresentar publicamente os motivos que me impuzeram uma adhesão franca, ainda mesmo sabendo que o espirito critico e philosophico que preside a elaboração das opiniões entre nós, seja inteiramente inlenso á essas theorias e isto pela razão de que ellas são muito pouco conhecidas em geral.

Dadas portanto estas explicações necessarias, entro sem mais precambulos na materia.

A politica é uma sciencia especialisada da sociologia, procura as modificações na menor resistencia dos movimentos sociaes pela coordenação dos factores estaticos, ou de conservação, com os dynamicos ou de progresso, segundo a oportunidade ou relação, com as tendencias indicadas pela opinião publica.

E a capacidade desta difficil ponderação que distingue o tino politico.

Isto se encontra no volume de sociologia do Sr. Theophilo Braga, que poucos leram.

O estudo da sociologia, sciencia abstracta, que se fracciona em diversas sciencias particulares, como o direito, a economia politica, a theoria mental ou psychologia, a logica, a moral e a esthetica, é de uma grande difficuldade.

A previsão é tudo em sociologia, e prever é achar no meio da indisciplina e incoherencia das opiniões e das pessoas, um fundo geral de verdade que seja o ponto de partida para o desenvolvimento gradual das sociedades.

Isto só se consegue por meio do methodo e só elle nos pôde fornecer vastos elementos para a constituição definitiva da politica.

O methodo, em sociologia, consiste em abranger a maior somma de phenomenos sociaes.

Para o estudo d'esta sciencia são indispensaveis todos os processos methodologicos das sciencias fundamentaes, que variam segundo a sua applicação.

Para uma clara comprehensão d'este estudo, procedamos por partes.

A mathematica, que estuda a existencia mais simples, como sejam, os phenomenos de numero, de extensão e de movimento, occupa o primeiro gráo da serie encyclopedica das sciencias abstractas.

A mathematica, pois, não depende de modo algum de nenhuma investigação abstracta por mais simples e generica que ella seja. Aborda, como diz o Dr. Robinet, directamente o dominio real.

O estudo das leis do numero, da extensão e do movimento, arithmetica, geometria e mecanica, e o ponto de partida para mais vastas investigações e constitue o fundo organico da systematisação positiva, que abrange todas as relações reaes, tanto subjectivas como objectivas.

Tudo que excede a esta triplice apreciação logica, deixa de pertencer ao dominio scientifico para perder-se em inúteis generalisações, onde não pôde chegar a observação, onde o raciocinio se desorienta, creando dogmas aprioristicos, repudiando os factos para construir hypotheseis mais ou menos engenhosas, mas sem nenhum valor positivo.

O processo proprio ás mathematicas é a deducção.

A observação, do mesmo modo que a indução, representam um papel secundario no estudo fundamental das leis que presidem os phenomenos de numero, de extensão e de movimento.

A lei d'esta classificação é, segundo Augusto Comte, objectiva. Estudando os phenomenos, ora, decrescendo em uma vasta generalidade, ora, ascendendo em uma lenta complexidade, localisa a mathematica, como a sciencia a mais simples, no termo fundamental da serie.

E ao mesmo tempo que ella fixa o dominio mathematico, fórma uma coordenação interior, segundo o estudo do calculo e da mecanica, que é o ponto de separação do dominio mathematico do dominio propriamente physico.

A sciencia que segue immediatamente a mathematica é a astronomia que nos dá a theoria do duplo movimento da Terra e da gravitação planetaria.

Mais simples do que todas as outras sciencias que constituem a hierarchia, a astronomia é em todo caso uma sciencia menos geral que a mathematica e por isso mesmo mais dependente.

Ella é, como diz Comte, a applicação mathematica ao estudo dos astros, em cujo campo só pôdem entrar as apreciações que decorrem directamente do numero, da extensão e do movimento.

« Entretanto, no ponto de vista logico, além de que ella aborda mais directamente o estudo da ordem material, a astronomia dá mais desenvolvimento e importancia á meditação inductiva (inducção) que era apenas sensível na mathematica, onde a deducção é quasi exclusivamente empregada. » (Robinet).

Da astronomia passamos ao dominio da physica.

Esta sciencia prende-se áquella pelo estudo do peso ou gravitação terrestre, que não é, em ultima analyse, senão uma resultante da gravitação planetaria. Como se vê, procedendo-se sempre o estudo das sciencias, segundo a complexidade crescente dos acontecimentos proprios e inherentes a cada ramo especial da sciencia geral, chega-se ao resultado de que o dominio da physica sendo muito mais restricto que o da astronomia e o da mathematica, é por esta mesma razão mais complexo e menos independente.

Em vez de tomar a gravitação na sua feição mais simples, ella procura conhecer os effeitos do peso no nosso pla-

neta, e investiga as leis do calor, da electricidade, da luz, do magnetismo, etc., etc.

A indução que na astronomia trepida ainda nas suas primeiras tentativas de elevação, em physica toma proporções consideraveis, desenvolve-se e recebe uma plena confirmação.

Ella crea, por meio dos instrumentos deductivos, um novo processo, um novo auxilio para investigações de outra ordem e que deram á sciencia dominio mais vasto.

Se, pelo estudo da astronomia e da physica, ou melhor, pela variedade das transmissões dos movimentos conhecidos a unidade das forcas, em chimica descobre-se a unidade dos equivalentes pela variedade das allinidades. A mesma cousa dá-se em biologia e sociologia: em uma, pela sua vastissima complexidade morphologica, o espirito attinge sorpresos a unidade protoplasmica; na outra, atravez do conjuncto das aptidões ao diferenciadas, das multiplas forcas collectivas em acção, das correntes de idéas e sentimentos desencontrados, que circulam continuamente de povo a povo, de nação a nação, a nova theoria scientifica deduziu claramente d'esta descoor-denação de factos o principio de unidade em todas as manifestações da actividade social, entrevendo a solidariedade humana, pela convergencia dos estorcos collectivos e o accordo futuro entre as noções subjectivas e objectivas.

Mas continemos, sem divagações.

Diz o Dr. Robinet: « A chimica, e verdade, não aecrescenta ao apparelho logico senão um processo muito secundario, a nomenclatura; porém a sua importancia scientifica é muito consideravel, pois que ella permite conceber a economia fundamental da natureza constatao entre todos os seres reaes, vivos ou inertes, organicos ou inorganicos, a identidade final de composição material. »

Não se discute aqui a questão da unidade da materia, mas sim, que todos os compostos organicos são reductiveis aos mais simples corpos disseminados nos compostos inorganicos, como: o phosphoro, o hydrogeneo, o oxygenio, o carbono, o bromo, o chloro, o enxofre, o iodo, etc.

E' expontanea a maneira porque a chimica se apresenta na hierarchia.

Ella é um simples complemento da physica, á qual se liga pelos phenomenos electros-chimicos e como ella investiga e estuda os phenomenos propriamente organicos, prende-se á biologia, que por sua vez não é outra cousa senão um prolongamento da chimica (chimica biologica).

A chimica é, como se comprehende facilmente, muito mais limitada, muito menos geral que a physica, isto é, o gráo de generalidade de uma é inferior ao da outra.

Se as propriedades physicas se apresentam ou se manifestam em todas as substancias, as propriedades chimicas, pelo contrario, exercem-se de uma maneira muito menos geral, e em cada corpo as suas manifestações são limitadas.

Finalmente, os phenomenos physicos apparecem sem a cooperação de nenhum effeito chimico, ao passo que nem um só effeito chimico tem logar sem a co-existencia de certos phenomenos physicos.

Ora, pelo que acabamos de ver, é facil de se concluir da intima conexão que ha entre a chimica e a physica; e como esta ultima sciencia está irrevogavelmente subordinada a todos os outros phenomenos, quer de natureza astronomica, quer de natureza mathematica, porque, segundo vimos, a physica prende-se á astronomia pela gravitação terrestre, que não é senão em uma especialisação da gravitação planetaria, e a

astronomia é mathematica pela meca-  
nica, é claro que a chimica está indire-  
tamente subordinada aos phenomenos  
de gravitação, de numero de extensão e  
de movimento, como aos phenomenos  
de luz, de calor, de electricidade.

(Continua)

LUIZ MURAT

## ILLUMINURAS

SENSITIVA

Sonhou que n'um vaso de fina porce-  
lana côr de perola, erguido entre duas  
conchas delicadas, nascera uma flôr, a  
que ninguem sabia dar o nome; flôr que,  
se tinha umas petalas brilhantes como o  
fogo, tinha outras da baça tristeza do  
marfim, ardente e suave, flôr da India e  
da Europa, de sob a serra e da beira  
mar.

Nenhum botanico lhe distinguira a  
especie antes d'elle chegar.

Logo que a viu, disse: chama-se Amor,  
e o vaso em que vive, se o conheço! é  
o coração de Alice!

Riram-se. Uma mulher bonita que alli  
estava, quiz cortar a haste, mas as con-  
chas fecharam-se e a flôr retrahiu-se,  
sendo certo, porém, que lá ficou.

— E' assim, é; disse elle ao accordar;  
se eu consentisse em que alguém tocasse  
no amor que ella me tem, a pobresinha  
choraria, mas havia de esconder de mim  
seu coração.

JULIA LOPES.

## Crédo da Republica Franceza

« Creio no povo, soberano todo pode-  
roso, creador das bellezas da arte e da  
industria;

E na Republica, sua unica filha, que  
foi concebida por graça do Suffragio  
Universal.

Nasceu da Liberdade, sempre virgem,  
algumas vezes violada.

Soffreu sob todos os reis.

Foi crucificada por Bonaparte.

Morreu em uma convulsão.

Foi sepultada na lama.

Baixou a Cayenna, a Lambessa; foi  
aos pontões e ás prisões.

Resuscitou vinte annos depois.

Subiu á Cadeira da Presidencia.

Está á direita de Thiers, seu filho  
todo poderoso;

D'onde descerá para julgar os ruraes  
e os clericas, e os Judas Iscariote.

Creio na União Republicana, na Com-  
munião dos povos, na Fraternidade uni-  
versal, na Abolição de todos os abusos,  
na resurreição da Justiça, na vida  
eterna da Liberdade.

Amen. »

Partiu hontem para a Bahia, com des-  
tino a Paris, onde se vae demorar tres  
annos—o talentoso e joven pintor Lopes  
Rodrigues. Na capital do mundo artis-  
tico e litterario vae esse esperançoso ar-  
tista aperfeiçoar os seus notaveis dotes  
e completar a sua educação no estudo  
dos grandes mestres.

Desejamos-lhe boa viagem e todas as  
felicidades que merece.

## A. TAPÉRA

(AO GRANDE POETA LUIZ DELFINO)

Les temps sont accomplis: les choses se sont tues,  
LECOMTE DE LISLE.

A meio valle escuro, á beira do caminho,  
Está silenciosa a velha casa em ruina...  
Deshabitado lar, abandonado ninho,  
O horror da solidão phantastica a domina.

O horror da solidão, porque? tambem na matta,  
Na virgem, secular, inhospita floresta.  
Ha uma calma grande, em que a alma se dilata;  
E, ao invéz do terror, que portentosa festa!

Mais funda é a solidão na agreste cumiada  
Onde não pisou nunca o bipede tyranno;  
Mas lá quanta alegria aberta e illuminada!  
— O cunho do terror vem do vestigio humano.

Vê-se um velho postigo escancarado ao poente...  
O tóso parapetto apodreceu... e vê-se  
Que alli chorou, talvez, de saudades do ausente  
Uma noiva fiel, que de esperar morresse...

A bella porta, franca outr'ora, está fechada...  
E' ninho de reptis a trepadeira amiga,  
Que convidava a entrar na placida morada,  
Que já ninguem procura e a ninguem mais abriga!

Pobre, inutil ruina! Olhemos de mais perto,  
Pelo tecto, que abriu dos temporaes o açoite...  
Brotam hervas do solo esquecido e deserto...  
E era este o coração da casa, ao lar, á noite!

Aqui se reunia, em pacifico bando,  
A familia, a sonhar os dias do futuro,  
Emquanto, fóra, o vento andava praguejando  
E a noite ia seguindo o seu caminho escuro.

Alli, para o nascente, havia um aposento  
Pequeno e recatado... ai! alli, porventura,  
Morava a sinhá-moça, o riso, o encantamento  
Da rustica vivenda, a doce creatura!

No vão d'essa janella aberta para a estrada,  
Quanta scena de affecto ainda se imagina!...  
Um cavalleiro ao longe a sumir-se, e, inclinada  
A' janella, a chorosa e pallida menina...

Descónjunctado, já cahindo-lhe os pedaços,  
Vê-se um velho oratorio... e, coberto de poeira,  
Um Christo mutilado abre os divinos braços...  
Quanta fe o beijou na angustia derradeira!

Cá fóra, indifferente, ingratamente alheio,  
Passa o vento da matta, o alado vagabundo.  
Sem um beijo, sequer, ao esqueleto feio  
Da ruina sem dono, esquecida no mundo!

Sómente á noite agora, ao ter da lua triste  
A compassiva luz phantastica e serena.  
Reanima-se a tapéra e resuscita e existe  
De um sombrio existir que mette medo e pena.

\*

Existe uma alma assim... Outr'ora foi ruidosa,  
Clara, feliz, brilhante á luz da primavera...  
Agora é nua e só, — sombra silenciosa,  
Phantasma do que foi... a lugu're tapéra!

Minas, 6 de Março de 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

## POESIA E POETAS

AMOR DE ARTISTA, é o titulo de um  
poemeto em 90 paginas, cuja leitura  
acabamos de fazer. Operou-o um traba-  
lhador honesto e incansavel, intelligente  
e modesto. Esta ultima qualificação com-  
prova-a o pseudonymo com que elle tem  
firmado não só a este, mas a outros tra-  
balhos, se bem que de menos tomo e  
valor; as restantes passam por incon-  
testadas a quem de perto conhece Al-  
fredo Ancora, e de alguma sorte pôdem  
ser observadas aqui, no presente vo-  
lume.

Não é este um livro em que se desen-  
volve e discute uma nova theoria litte-  
raria, amartellada de philosophia e aberta  
em ondas retumbantes de adjectivos e

de muita farfalha. Tão pouco bota-se  
elle aos grandes assumptos gravitados  
das idéas do seculo, dos alaridos da Li-  
berdade e do Direito, eíngidos da far-  
rusca lendaria, por serem mais tremen-  
dos, assim em sua missão, como dentro  
do verso.

Não, seu fito não é o das aguias e  
condores audiculas, inuteis hoje á força  
do muito sol a que os atiravam continua-  
mente os poetas.

Como as estrophes lyricas do Sir Ha-  
sirim, do « Intermezzo » e do apaixonado  
amante de Branca de Castella, é o amor  
o seu alvo: falla e canta de amor, como  
a ave da *Menina e Moça*, que se cahiu  
morta sobre a agua, no bello dizer de  
Bernardim Ribeiro.

Não ha aqui lugar para detido estudo

d'este poema; encolhemo-nos em o nosso desejo de citar os passos que mais nos agradaram, e os que cuidamos somenos. Diremos, emtanto, do cuidado e labor da forma do poeta do *Amor de artista*. No tocante a essa parte desde já lhe assignalamos o nosso parabem e louvor.

E' geralmente bem escandido o seu verso; o poeta sabe quasi sempre animal-o d'essa scintilha, que, por não dizermos que é a do marmore polido,—o que pareceria paradoxal,—fique que é a da belleza extrema e estreme de qualquer macula.

A metrificadores, porém, como Alfredo Ancora, julgamos se não deve encobrir um ou outro descuido que se nota da leitura de sua obra. Elle nos desculpará no apontarmos os que temos por mais graves, e na medida de seu modo de ver e julgar de si mesmo, assim verá que é sua ou nossa a razão.

A' pagina 7 :

«Do Amphytrião da festa a um signal»

E' um verso máo, frouxo e tropego.

A' pagina 10, este de confragosa pronuncia :

«Que de tudo nos dar capaz tu 's.»

A' mesma pagina 10 :

«A sociedade, emtanto, ha um momento.»

E' frouxo, e igualmente este á pagina 39 :

«Por saber que te e isso agradável.»

A' pagina 36 :

«Alguem murmura...sei-o !»

Parece um «calemburgo.»

A' pagina 50 :

«Por isso foi assentar-se

A' sós naquelle lugar,

E á reflexão entregar-se,

P'ra o seu gelo dominar.»

Não nos festejamos bem o ouvido estas rimas a um tempo em *ar-se* e em *or*. Deve evitar-as sempre o artista escrupuloso.

Paramos aqui. Os outros descuidos, que os ha, são de menos vulto e passam despercebidos.

D. RUY

Sob o titulo *Politica moderna*, enceta hoje o nosso collega Luiz Murat uma serie de artigos em resposta aos criticos das ruidosas *Cartas sertanejas*. Depois de provar que pela filiação scientifica, estabelecida por Augusto Comte na sua classificação das sciencias, até hoje inequalada, é a politica uma das sciencias mais remontadas e complexas e o mais importante departamento da sociologia, demonstrará o nosso collega que tinha razão Julio Ribeiro exigindo dos nossos politicos, como de todos aliás deve ser exigido, o conhecimento do logar que occupa a grande sciencia na cadeia logica e ininterrompida dos conhecimentos humanos, e dos principios fundamentaes de cada uma das sciencias de que ella depende na successão racional em que se encadeiam todas, completando-se, em progressão ascendente.

E, concomitantemente, deixará provada a absoluta falta de preparação scientifica dos nossos homens de Estado e quanto são empiricas e falsas as bases da sua politica.

Chamamos a attenção dos leitores para estes importantes artigos.

## THEATROS

### OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT

Jules Verne e D'Ennery, um no romance, outro no drama, são dois imaginosos e dous enredadores. Imagine-se agora estes dois sujeitos colligados—o segundo tirando uma peça dramatica de um livro do primeiro, e poder-se-ha

calcular o que é—*Os Filhos do Capitão Grant*, drama representado no dia 4 pela companhia da actriz Apollonia, no theatro Lucinda.

Esta peça, porém, quasi não tem enredo. Ha uma traição feita pela tripulação do *Britania* ao seu capitão Harry Grant, de que resulta ser este com um filho e um tripolante bebedo abandonado na illha Balke, lá para as alturas do polo sul. D'ahi por diante o interesse da peça consiste nas viagens de lord Glenarvam e outras pessoas, entre as quaes o sabio francez Paganel e os dois outros filhos de Grant; viagens que tem por fim a descoberta do logar onde está o capitão abandonado.

D'aqui uma serie de quadros interessantes, avultando um da cordilheira dos Andes, onde ha um terremoto que subverte rapidamente os viajantes, sendo por essa occasião arrebatado por uma aguia monstruosa Roberto, o filho mais novo do capitão Grant. Quando se vê a ave possante com o menino nas garras, voando a grande altura, apparece no alto da montanha um indio patagão que desfecha um tiro na aguia, salvando assim a criança.

O quadro final, que representa o inverno na illha Balke, onde o gelo forma montanhas, subindo e descendo em stalagmites e stalactites, e onde a neve cae constantemente, é tambem de um bello effeito.

Toda a peça é atravessada por episodios comicos, ás vezes um pouco carregados de mais, mas sempre curiosos e hilariantes.

Parece-nos que o successo do desempenho coube d'esta vez ao actor Corrêa, que interpretou com muita felicidade o typo esquipatico do sabio Paganel, tão distraído quanto myope.

Simões teve muito boas scenas na parte do capitão Grant, que elle representou com muito sentimento e naturalidade.

Galvão tambem deu um optimo typo no papel de Burke, caracterisando-se muito bem no ultimo acto e fazendo satisfactoriamente a transição de character, junto do corpo inerte de James Grant. O que mais e sempre prejudica este artista é a sua detestavel maneira de emittir as palavras, tornando-se muitas vezes incomprehensivel o que elle diz e irritando o espectador, mordido pela curiosidade da peça.

Moniz teve pouco que fazer no papel de lord Glenarvam, e a sua voz, que se presta muito aos papeis comicos, torna-se ingrata nos serios; todavia não ha nada a dizer-se-lhe quanto ao desempenho.

Apollonia, que só tem trabalho serio no ultimo acto, sustentou muito bem o papel de James, chegando a ser notaveis algumas scenas, que impressionaram vivamente a plateia, fazendo rebentar as lagrimas de muito marmanjo de bigodes. O actor Braga não comprometteu o papel de Bob, vestindo-se de mulher com muita felicidade e aproveitando regularmente algumas situações.

Estreou nesta peça a Sra. Annita, encarregando-se do papel de Roberto, em que revelou bastante habilidade para a scena, vencendo as *naturaes emoções de uma estrêa*.

Ferreira, Eugenia, Adelaide Pereira e Mello, auxiliaram quanto puderam os seus collegas.

E' de esperar que *Os Filhos do Capitão Grant* occupem longo tempo a scena do Lucinda, dando boas recitas á empreza, que as merece pelos seus esforços em bem servir o gosto do publico.

No Sant'Anna a *Cocota*, de A. Azevedo e M. Sampaio, continúa a attrahir grande concorrência. No dia 7 foi a recita dos auctores, com uma casa esplendida.

A *Denise*, de Dumas Filho, que devia subir hontem á scena do Recreio Dramatico, foi transferida para a proxima semana. Já o esperavamos.

E nada mais por enquanto.

## TRATOS Á BOLA

D'esta vez recebemos 15 cartas contendo decifrações relativas aos *tratos* ultimos. São apenas dignas de nota as que vieram firmadas pelos seguintes charadistas : — D. Lucia Castagnino, D. Joséphina B., J. da C. e S., Fricinal Vassico, Grupo do Tic Tur e D. Silveira.

O primeiro premio pertence a D. Lucia Castagnino e o segundo a D. Silveira. Triumphou o bello sexo, como sempre. Não façam portanto, ceremonias as gentis vencedoras; podem mandar buscar os seus premios e aceitem, por ser a primeira vez que nos honram com a sua visita e tão brilhantemente, os comprimentos de D. Pistel.

Eis as decifrações : da calimburesca — *Canto chão* ; da proverbial—*De medico e louco todos tem um pouco*; da antiga—*Calvario* ; do enygma 11; das telegraphicas—*Macaco* e *Magote* e da em quadro :

Rabo  
Amar  
Baba  
Orar

O Sr. Fricinal Vassico (o homem do cartão cortado) e outros erraram nas telegraphicas. Não se amofinem por isso. Não temos culpa de que as malditas telegraphicas se prestem a duas decifrações. Em todo caso recebam, já que não é possivel o premio, um terno beijo, que lhes envia nas conhecidas azas da briza este seu humilde creado.

Para hoje temos os seguintes *tratos* :

### LOGOGRIFHO

Este *escritor* hodierno—6, 2, 5, 4  
Em tudo mette o nariz ;  
Nenhuma verdade diz—1, 5, 4, 2, 3  
Como *critico* moderno.

Querem conceito ? Não posso !  
Mais do que isto accrescentar :  
— E' bom p'ra o meu paladar ;  
— Será, tambem, para o vosso ?

### ENYGMA

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
|   | U |   |   |
|   | I |   |   |
|   |   |   |   |
| R |   | L |   |
| I |   | 2 |   |
|   |   |   |   |
| G | S | E |   |
| I | I | 2 |   |
|   |   |   |   |
| A | N | V | F |
| 3 | 1 | 1 | 1 |
|   |   |   |   |
|   | D |   |   |
|   | I |   |   |

Formar com as letras que estão n'estes quadrinhos, empregadas tantas vezes quantas os algarismos designam, o nome de um distincto litterato brasileiro.

### TELEGRAPHICA

1—1—1—Amola por um oculo.

### ANTIGA

Duas no vestido,  
Uma no navio,  
Outra no deserto.  
E se diz de um rio.

1—2—2—Tem sangue, tem fogo, tem agua e tem ar.

### EM QUADRO

Sou da planta, e vivo bem ;  
Sou, por Deus ! do coração ;  
Sou zombaria tambem  
E verbo hei de ser, pois não !

PREMIOS

Ao primeiro decifrador um exemplar do « Cesar que mata e Pedro que mente », de Victor Hugo, edição esplendida. Ao segundo—um tango d'A *Semana*.

D. Pastel agradece aos Srs. M. R. Rosado, N. V., Julio Cesar de Magalhães, Frei Antonio, Philomeno, Alvaro d'Oliveira, A. M. e D. Confeito as charadas e outras cousas difficeis que lhe remetteram para os *tratos*.  
Mille grazie e continuam.

Recebemos :

— « Noções elementares de Geographia do Brazil » pelo Dr. Joaquim José de Carvalho Filho, para uso dos alumnos do collegio Amorim Carvalho. Editor Serafim Alves.

— *Revista Illustrada*, n. 406. Muito bom.

— « Noites de insomnia, » poesias de Antonio Joaquim Vianna, estudante de medicina, natural de Sergipe.

CORREIO

SR. CLAUDIO SILVA.—Já alistamos o senhor no rol das *esperanças*. Que mais quer ?

O seu *Jesuita* ainda não está de todo bom. Enquanto não nos mandar *Jesuitas* bons, sem maleitas nem muletas, não terá o gostinho de ver o seu nome figurando em nossas columnas.

SR. MARIO.—O seu soneto não é mau. Mas não lhe perdoamos este verso :

*Surgia do marmor bella e graciosa*  
Mande-nos cousa melhor. O Sr. tem dedo... e inspiração.

EXMA. SRA. D. MARIA DIAS (S. Paulo). A poesia de V. Ex.... como nos custa dizer-lh'o... a poesia de V. Ex.... é... Nada, o melhor é publicar as duas primeiras quadras dos seus *Desejos*.  
Aqui vão ellas :

DEZEJOS

Eu quero ver o mundo cahir exausto, inerte,  
No duro madrigar da insana natureza !...  
Eu quero ver a morte erguer a mão potente  
E atirar a humanidade á dura correnteza !

Eu quero ver a terra baquear em convulsões  
Por entre o ribombar de um forte furacão...  
Desejo ouvir os gritos, os fortes e vis lamentos  
Daquelles, que, famintos, não tem sequer um pão!..

Que desejos tão exquisitos, minha senhora !

*Abrenuntio!*...

SR. CROMANCIO DE BRITO BASTOS.—A sua poesia—*A Descritiva*—não é publi-

cavel. Perdoe-nos esta franqueza. A *Semana* será sempre um baluarte contra o qual serão impotentes os criticos invejosos que queiram *autopsiar* os seus versos, como o senhor nos disse em sua carta; é verdade, mas sómente quando os seus trabalhos poeticos forem verdadeiramente bons. Ao contrario, *A Semana*, apesar de moça, será como o macaco velho, não metterá a mão na combuca. Portanto, mande-nos cousa boa. Ouvia ?

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, Francez e Inglez  
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:— rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:— rua de S. Pedro, 294.

ERNESTO PINTO COELHO  
SOLICITADOR  
VILLA DE PADUA

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlim, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL  
N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 2\$ fracos  
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.  
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magnifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66  
LIVRARIA UNIVERSAL

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo  
Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida  
Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

BAZAR DA BARATEZA

Esta casa continúa a vender artigos de armarinho pelos preços mais razoaveis que é possivel

16—Rua 7 de Setembro—16